

# LITTRÉ

---

A França acaba de perder um dos seus homens mais eminentes, e que pela actividade litteraria e scientifica influenciou profundamente em todo o occidente europeu. Emilio Littré falleceu na madrugada do dia 2 de junho de 1881. O nome d'este homem era um symbolo de constancia no trabalho, de probidade nas acções, de tolerancia nas relações domesticas e sociaes, de desinteresse na propaganda da verdade, servindo com a sua clara intelligencia a pratica do livre-pensamento e com uma inteira moralidade a causa da democracia. A sua vida resume-se em uma maxima, por elle apresentada em uma das advertencias do seu Diccionario: «Planear serviço como quem tenha de viver cem annos, e executar como quem tem de morrer amanhã.»

Tal foi a divisa que cumpriu no desdobramento successivo da sua actividade. O character era n'elle maior do que o talento, e é por isso que não deixando um livro completo de historia, de philosophia, ou de investigação scientifica, dispendeu a sua lucidez na vulgarisação das doutrinas dos outros, como na traducção critica das obras de Hypocrates, da *Historia natural*, de Plinio, da *Vida de Jesus* de Strauss, e na applicação constante do criterio da *Philosophia positiva* de Augusto Comte, submettendo-se com abnegação a uma posição subalterna, mas em que exerceu uma influencia mais vasta e por isso tão fecunda como a dos grandes iniciadores.

Foi o character, o sentimento da justiça segundo as urgencias de cada instante, que o vincularam á imprensa politica, e ás revistas scientificas e litterarias, condensando admiravelmente, e em um estylo nitido, em um francez temperado pelo bom senso de Montaigne e pela delicadeza de observação e graça de Sévigné, a doutrina das obras mais importantes do seculo, chamando para ellas a attenção de todos. Faz lembrar a situação de Francis Jeffrey, no principio d'este seculo, na *Revista de Edimburgo*. A obra de Littré é fragmentaria, formada dia a dia com as esplendidas monographias escriptas para as principaes revistas francezas, com as quaes formava livros, como a *Historia da lingua franceza*, *Études sur les Barbares*, *Litterature et Histoire*, *Medicine et Medecins*, *Glaumures philologiques*, *La Science au point de vue philosophique*, *Conservation, Revolution et Positivisme*, *Etablissement de la troisième Republique* e os *Fragments de Philosophie positive et de sociologie contemporaine*. E, n'estes trabalhos secundarios, que Littré revelou o alcance dos seus pontos de vista scientificos e philosophicos, a claridade serena do seu estylo, e pelo julgamento das questões quotidianas começou a ser attendido como um espirito orientador de uma nova mentalidade. Em rigor a sua obra contrasta com a grande influencia moral que exerceu, mas esta deve attribuir-se mais á applicação immediata das doutrinas philosophicas aos factos occorrentes, do que á novidade e originalidade dos seus livros. Pela eminencia do character deixou de ser um espirito subalterno, confinado na mediania dos trabalhos de traducção e de lexiologia; sem este ponto de vista será difficil julgar a individualidade proeminente de Littré. A sua vida é uma comprovação constante da solidez d'esse character, e, quando proximo dos oitenta annos balanceava a sua existencia, resumia o caminho percorrido em uma simples phrase: todas as distincções e honras sociaes que recebera vieram-lhe pela espontaneidade da eleição. Grandemente bello.

Littré nasceu em 4 de fevereiro de 1801, filho de um sargento-mór de artilheria, que se distinguiu em combates navaes; sua mãe era filha de um revolucionario da Montanha assassinado sob o terror, e conservou sempre esse character corajoso e integro, que Saint Beuve define *C'était une romaine*. Não admira que Littré, que assistiu a todas as grandes crises politicas e sociaes d'este seculo, que luctou com a indigencia e com a aversão do cesarismo, saisse temperado com a energia dos sublimes, dos martyres, dos vencedores. Em 1819 terminou os primeiros estudos para entrar no curso de mathematica da Polytechnica, preferindo pouco depois seguir a Medicina, cuja formatura não concluiu pelas difficuldades que o envolveram com a morte de seu pae em 1827.

Deixando incompleto o curso medico, dedicou-se ás lições particulares de latim e de grego até 1831. A agitação politica fez-lhe apparecer no espirito a orientação da época revolucionaria, e o homem sereno e pacifico que todos admiraram na discussão das theorias scientificas, obedeceu a essa tendencia organica, portandose como um bravo nas barricadas de Paris. Foi ainda a agitação politica que o fez entrar para a redacção do *Nacional* em 1831, d'onde combateu até 1851 em artigos polemicos com que formou o livro *Conservação, Revolução e Positivismo*. Foi por 1829 que começou a obra monumental da traducção completa das *Obras de Hypocrates*, texto collacionado sobre manuscriptos e todas as edições conhecidas, acompanhada de commentarios medicos, variantes e notas philologicas; formam dez grossos volumes, cujo primeiro tomo contém uma larga e interessantissima introducção sobre a medicina antiga. Em homenagem a este grande trabalho que abriu a Littré as portas do Instituto em 1839, Daremberg dedicou-lhe a sua *Historia das Sciencias medicas*, dizendo: «ousou offerecer-vos a dedicatoria d'este livro no qual segui o methodo e puz em prática os principios que fazem da vossa edição das Obras de Hypocrates um modelo no genero de erudição e de historia applicada ás sciencias.» Littré viveu muito tempo do mesquinho subsidio que lhe competia como membro do Instituto, completando o necessario para o sustento da familia com traducções e artigos de revistas. Mas se o vimos assistir com coragem aos desastres politicos por que passou a França, torna-se ainda mais notavel a coherencia moral que o distinguiu em um seculo, como elle nota, cujo lado fraco foi sempre a inconsistencia das opiniões. A quem deveu elle esta coherencia de espirito e de doutrina, que tanto lhe augmentou o seu poder moral? Ao conhecimento da *Philosophia positiva*, de Augusto Comte; foi em 1840 que Littré entrou em relações com o extraordinario iniciador, depois de ter lido por emprestimo o seu Curso. Maravilhado com aquella construcção em que a complexidade dos phenomenos do universo é subordinada a uma ordem logica sob o principio da generalidade decrescente e complicação crescente, por onde Comte conseguiu apoiado pela base historica formar a Classificação dos Conhecimentos humanos, Littré tratou logo de vulgarisar a vasta synthese das sciencias em uns brilhantes artigos do *Nacional*, de 22 de novembro de 1844, e no pequeno folheto *Paroles de Philosophie positive*, de 1858.

O curso de Comte havia sido seguido na parte oral por homens como Humboldt, Blainville, Poinsot, Fourier; na parte escripta, era então impossivel ao commum dos leitores poder entrar em seis grossos e compactos volumes, e seguir através de uma prosa morosa o nexu doutrinario da grandiosa renovação mental. O ser-

viço de Littré foi então inestimável, não só pelo seu poder de condensação, como pela sua auctoridade de academico. A obra de Comte era lida em Inglaterra, na Hollanda, na America, mas desconheciam-na em Paris; Littré attrahiu o genio francez para a maior das suas concepções, que tendia a libertal-o do absoluto em sciencia e em politica, isto é, da incoherencia metaphysica e da dissolução revolucionaria. Comte foi posto fóra do ensino official, e pelas intrigas de Arago, precipitado na miseria; foi então que Littré com uma bondade admiravel, fez um appello ás nobres intelligencias que sabiam apreciar o genio de Comte, e em 1850 fundou a subscrição de que o philosopho viveu até ao fim de seus dias.

Deu-se porém uma dissidencia entre o discipulo e o mestre por uma deducção doutrinaria. Comte, classificando as religiões em *espontaneas* e *reveladas*, chegou á conclusão de que segundo a mentalidade positiva ellas entrariam em uma phrase *demonstrada*, e n'este intuito organisou um culto socialatrico, explicado na *Politica positiva*, complemento do grande curso. Littré não quiz acompanhar o mestre n'esta parte, não obstante a convergencia sentimental da Europa, estabelecendo-se no accordo entre as emoções e as opiniões, ir iniciando de um modo espontaneo esse culto na celebração dos Centenarios, como o de Spinoza, o de Hegel, o de Rubens, o de Petrarcha, o de Voltaire, o de Camões e o de Calderon. Depois da morte de Comte fundou a *Revista de philosophia positiva* destinada á explanação e comprovação da doutrina, publicando ainda em 1863 um grosso volume sobre a vida de Augusto Comte e as origens historicas e organização da Philosophia positiva. Os testamenteiros de Comte julgaram-no com severidade excessiva, mas é certo que sem a cooperação de Littré, a Philosophia positiva só poderia propagar-se em França e no occidente da Europa, por meio dos positivistas inglezes, como Mill, Martineau, Lewis, Brewster e outros. Littré fugia para os trabalhos de tenacidade erudita, precisava de uma empreza que lhe enchesse a vida; tal foi o plano do Diccionario francez contractado com Hachette em 1844, encetado em 1846, começado a imprimir em 1858, terminado na redacção em 1865, e completamente publicado em 1872. É verdadeiramente encantador o artigo autobiographico datado de 1 de março de 1880, que intitula: *Comment j'ai fait mon Dictionnaire de la Langue française*; são paginas deliciosas, que educam. Mas o fim do Diccionario era o fim da vida de Littré; é de 1872 que [data sua doença, de uma decomposição senil, mas resistindo sempre pela actividade cerebral; jazia em uma poltrona inchado, com as pontas dos dedos a desfazerem-se-lhe, pungido de dores, mas pensando com lucidez.

Nos ultimos seis mezes caira no estado comatoso: foi então que sua mulher e filha, ambas beatas, filiadas na Congregação do Rosario, faltando ao respeito do sabio illustre, o separaram da convivencia dos amigos, e da convivencia com o abbade Hevelin, o baptisaram e lhe deram os sacramentos catholicos. Como explicar esta avidez dos clericaes em apolerar-se do cadaver do livre-pensador? O homem que armado da sua penna luctara contra a indigencia, morria millionario. Littré foi victima da sua tolerancia; para evitar desgostos domesticos deixou laurar em volta de si o beaterio: em casa olhavam-no com compaixão dizendo: «É um santo, que não crê em Deus.» Foi esta unccção que motivou o ultrage, condemnado por toda a imprensa europêa.

Um discipulo que o acompanhou á sepultura, disse — que os padres lhe haviam roubado o corpo, mas que ficam os livros. É essa a immortalidade do espirito; Littré alcançou-a.

THEOPHILO BRAGA.

## O CRIME E A RESPONSABILIDADE

(Continuado do n.º 7.)

### III

O homem, diremos, é um ser perfectivel a que não é possível assignar o limite do seu desenvolvimento intellectual. Á medida que descobre e investiga, o seu cerebro adquire novas predisposições para rasgar a opacidade da hypothese sempre presente para a explicação de muitos dos phenomenos da materia.

Como na escala phylogenetica do desenvolvimento animal, a intelligencia desenvolve-se e augmenta de geração para geração, segundo as mesmas leis da hereditariedade e do exercicio organico formuladas pelo grande Lamarck para explicar as transformações experimentadas por todos os seres vivos, desde o monero até ao europeu. Segundo este eminente pensador é da propria junção, da actividade ou inactividade dos orgãos, do uso ou não uso, que resultam as mais interessantes transformações nos organismos vegetaes e animaes.

A physiologia demonstra-nos a realidade d'esta lei mostrando orgãos que hoje possuímos no estado rudimentar sem exercerem nenhuma funcção na economia animal, taes como a membrana clignotante, o appendice vermicular do cœcum e outros musculos que tendo desempenhado funcções importantes nos nossos antepassados estão atrophiados pela falta de exercicio que as differentes phases da vida animal em que havia a satisfazer necessidades differentes justificam.

A intelligencia, isto é a mais ou menos perfeita coordenação das sensações e impressões experimentadas, esta faculdade sendo uma propriedade da massa encephalica, é tanto maior quanto mais bem organizado se acha o conjuncto cerebral. Este facto comprovado

mesmo pelo estudo ontogenetico do individuo humano é clarissimo quando phylogeneticamente se analysa, por isso que se torna mais patente a divergencia intellectual partindo da Europa para as tribus australianas, divergencia a que corresponde uma constituição mental inferior.

Mas se a acção da hereditariedade nos torna superiores ás tribus selvagens, se nos garante a aptidão para uma certa ordem mais elevada de raciocínios, nem por isso a nossa organização futura d'ella depende exclusivamente. Individuos com uma perfeita organização cerebral hereditaria ficam muitas vezes estereis e refractarios a todo o trabalho intellectual, e isto por uma razão muito simples: a hereditariedade que nos dá a aptidão sem o exercicio organico que a desenvolve e aproveita, fica inutil especialmente quando, como no caso sujeito, se trata do cerebro que tendo em si desde a sua formação o germen do desenvolvimento futuro, carece para o attingir de certos cuidados a que chamaremos hygiene cerebral.

Determinar precisamente as prescrições hygienicas d'este orgão sobre que tanto ha ainda a estudar, de modo a satisfazer todas as necessidades, eis o que a sciencia dos factos comprovados não pôde fazer; o que porém está axiomaticamente admittido por todos aquelles que estudam a sciencia social, é que o bem estar das sociedades depende da maior ou menor importancia que se ligar ao exercicio intellectual de todas as classes, e especialmente do proletario d'entre quem como veremos sae o maior numero de criminosos levados ante os tribunaes.

Quando se obsta ou pelo menos se não cuida d'este importante assumpto a que estão affectos os maiores interesses da humanidade, esperando-se tudo da legislação penal; quando se consentem verdadeiros clubs anti-sociaes onde as classes inferiores se cretinisam e se despreza a escola e as instituições populares que a moral e a economia pratica aconselham como meio de prosperidade, a situação dos povos torna-se desgraçada. Estabelece-se uma scisão profunda entre o proletariado ignorante e as classes mais illustradas que em virtude da sua educação têm mais probabilidades de triumpho na concorrência de todos os elementos na lucta pela existencia, e que portanto absorvem a maior parte da riqueza publica em detrimento das classes propriamente productoras. D'esta scisão nasce a miseria que arrasta ao crime, e o odio que produz os grandes desvairamentos, duas consequências devéras lamentaveis de que a causa primordial reside na incuria dos legisladores, ou melhor na sua ignorancia por isso que raros são aquelles que estudam philosophicamente as leis da producção dos phenomenos sociologicos.

As estatísticas são a affirmação mais eloquente do alto valor dos meios preconizados pela sciencia para fazer diminuir a criminalidade, não diremos com alguns visionarios de um momento para o outro, o que seria impossivel, mas n'um periodo remoto quando tiverem desaparecido os elementos existentes na maior parte atacados de idiotia ou alcoolismo que alternativamente frequentam a prisão ou a taberna; quando por meio de leis sabiamente promulgadas se pozerem peias ao desregramento das classes inferiores educando-as para lhes corrigir os defeitos legados pelos seus ascendentes, preparando-as por este modo para a vida social.

A regularidade dos algarismos estatísticos é a prova de quanto se tem descurado a prevenção do crime esperando-se dos tribunaes a sua reparação que nada evita nem corrige e até preverte. Do contrario parece deveria variar de anno para anno conforme a fraqueza de espirito deixasse de ser um facto dos mais importantes da criminalidade.

O sabio mathematico Quetelet, o philosopho que mais profundou este assumpto no seu tratado de *Physica social*, diz que «a sociedade encerra em si o germen de todos os crimes commettidos. É de algum modo quem os prepara, sendo o culpado apenas o instrumento que executa. Todo o estado social suppõe pois um certo numero que resultou como consequencia necessaria da sua organização <sup>1</sup>.»

Pelos seus calculos tirados de dados estatísticos officiaes este escriptor affirma poder-se prevêr o numero de crimes que hão de ser praticados em um periodo remoto, especializando-os mesmo, bem como o numero de casamentos e nascimentos, o que effectivamente é admiravel attendendo á permanencia numerica d'estes phenomenos em annos differentes e ao modo lento porque quaesquer medidas preventivas fazem sentir a sua acção. Este facto deduz-se mesmo da concorrência constante de determinados factores sociaes que hão de necessariamente reproduzir os mesmos phenomenos com pequenissimo erro.

Esta regularidade é bem patente nas estatísticas seguintes, que extrahimos de *L'homme et les sociétés* de Gustave Le Bon <sup>2</sup>:

---

<sup>1</sup> *L'homme et les sociétés* por G. Le Bon, t. II, p. 7.

<sup>2</sup> T. II.

## REGULARIDADE DOS CRIMES E DELICTOS

Annos	Ferimentos involuntarios	Assas-sinatos	Envene-namentos	Mendicidade	Roubo	Abuso de confiança
1875	1:092	243	20	7:452	3:424	3:464
1874	1:095	233	23	7:753	3:760	3:556
1873	1:097	259	26	7:064	3:582	3:753
1872	1:128	251	25	7:437	3:215	3:465

SUICIDIOS E FALLENCIAS			PEDIDOS DE SEPARAÇÃO JUDICIAL		
Annos	N.º de suicidios	N.º de fallencias	Annos	Attendidos	Não attendidos
1875	5:474	5:371	1872	2:793	2:150
1874	5:617	5:596	1873	2:850	2:166
1873	5:525	5:508	1874	2:884	2:242
1872	5:275	5:306	1875	2:997	2:292

A mesma regularidade se verifica nos casamentos e nascimentos, o que comprova o raciocinio de Quetelet.

Veamos agora a proporção da criminalidade entre as classes illustradas e o proletariado, e teremos que a maioria dos crimes é praticada por individuos analphabetos, incapazes de comprehenderem as leis sociaes.

Á falta d'outra serviremo-nos da estatistica franceza que se nos depara no livro de Letourneau—*La physiologie des passions*.

Na França a proporção da criminalidade entre as classes illustradas e as inferiores está para aquellas como  $\frac{105}{500000} = 0,00021$ , e para

estas como  $\frac{3476}{11500000} = 0,000302$ , calculo feito segundo a estatistica de 1874, que é um anno medio em que os tribunaes deram 3:571 condemnações, 105 das quaes a individuos que receberam uma

educação inferior<sup>1</sup>. Como se vê o crime é muito menos frequente nos individuos que pela sua cultura exercem profissões liberaes que na massa do povo pouco instruida, onde prevalece o vicio.

Quanto mais intelligente é o homem mais tem a consciencia das incitações que n'elle actuam, e melhor comprehende por tanto os seus deveres sociaes; melhor póde garantir a moral e a segurança publica constantemente ameaçada pela fraqueza de espirito e pela indigencia de muitos individuos.

Mas se o crime é menos vulgar nas classes instruidas, a loucura é muito mais frequente, e sendo, como já dissemos muitas vezes, o crime o prodromo da loucura, conclue-se ainda que em alguns dos casos e por ventura na maior parte, os crimes praticados por estas classes são o symptoma de uma grave doença moral cujo estudo levou os physiologistas mais distinctos a convencerem-se de que muitos dos criminosos habitantes das prisões deviam antes occupar os hospitaes de alienados.

A loucura, diz Letourneau, é mais frequente nas profissões liberaes que nas industrias e agricultura onde é mais vulgar a idiotia. As profissões liberaes dão, segundo a estatistica official, uma proporção de 3,10 de alienados em 1:000, em quanto os militares e marinheiros dão apenas 1,99 e os commerciantes 0,42<sup>2</sup>.

A rasão d'esta differença está em que o cerebro cansado pelo muito exercicio se perturba nas suas funcções muitas vezes mesmo em virtude de uma falta natural de disposição para um trabalho excessivo. Entre os sabios não é difficil encontrar muitos loucos por este facto, perdendo quasi todos as relações que os ligam ao mundo exterior para apenas se preocuparem com as suas investigações philosophicas que lhes dão uma excitação cerebral, que a physiologia considera muito proxima da loucura.

Ha pois a distinguir nas estatisticas duas especies de criminosos: 1.º, aquelles que em virtude de uma forte excitação cerebral, que os colloca na cathegoria de doentes, são impellidos a praticar ás vezes as maiores monstruosidades; 2.º, aquelles que não tendo as mais rudimentares noções do justo, não tendo recebido a mais pequena educação moral, praticam o crime guiados ás vezes por uma forte emoção e sempre pela falsa interpretação das impressões sentidas.

Em qualquer dos casos o crime é sempre um acto prejudicial, e a sociedade lesada tira da sua propria constituição o dever de isolar os criminosos que prejudicam a moral e alteram a ordem e a segurança publica. É um direito formulado pelas necessidades

<sup>1</sup> Physiologie des passions, p. 266.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 281.

collectivas. Mas como a ideia de direito corresponde tambem á do dever, a sociedade que condemna sem attender á prevençãõ do crime por meio de uma educaçãõ solida, torna-se responsavel por uma parte das condemnações judiciaes e pelo futuro de muitos desgraçados que respirando o meio das prisões se prevertem completamente, por isso que a prisão, a pena de morte ou as torturas não regeneram nem corrigem. Tal ideia é mesmo inadmissivel desde que physiologicamente se estabeleceu ser o homem um simples instrumento que obedece necessariamente ás forças que n'elle actuaem, e que implicitamente toda a responsabilidade foi recair no corpo social, que escudado por leis absurdas aguarda o delicto para encerrar o delinquente n'uma prisão, terminando aqui todos os seus cuidados.

Esta concepção antiquissima de que, como diz Gall, para mudar a vontade dos criminosos bastava inflingir penas, está hoje abalada nos seus fundamentos e é de esperar que em um futuro pouco remoto os legisladores reconhecendo a importancia do que ha de positivo ácerca do crime, olhem com mais attenção este assumpto e procurem reduzir lentamente a estatistica habituando todas as classes a pensarem, isto é, desenvolvendo-lhes as faculdades intellectuaes desde a infancia, seguindo-se os processos evolutivos que a physio-psychologia estatue para que o cerebro se aperfeioe gradualmente segundo mesmo as phases do espirito humano, partindo do mais concreto para o mais abstracto.

Desde o momento em que estes preceitos scientificos se radicuem no espirito publico e se comprehenda que elles podem melhor servir a moral que a penalidade dos codigos, estes serão revogados como pueris.

Deixando pois bem patente a *responsabilidade da sociedade* que não educa os seus membros inferiores preocupando-se quasi exclusivamente com a segurança das prisões, que não auxilia o desenvolvimento de instituições populares tendentes a dar ao operario o bem estar moral; que consente n'uma caridade mal entendida, impropria d'este seculo, e condemnada por todos os philosophos e economistas que se inspiram nos progressos da sciencia desde Malthus até Stuart Mill; que favorece o desenvolvimento dos seres inferiores dotados de reconhecida aptidão para o crime; tendo em vista todas estas faltas que são o symptoma das profundas reformas necessarias para que os povos cultos deixem de ser dirigidos por *estadistas* que não conhecem as leis fundamentaes da sociologia, affirmando bem estas faltas de que successivamente trataremos, vejamos na generalidade em que consiste a penalidade na Europa, deixando para depois os principios estabelecidos sobre a observação scientifica.

## IV

L'education, l'exemple, le précepte,  
servent au plus de adjuvants.....  
Le problème de la repression est tout  
entier dans l'utile.

*Dally.*

Data de tempos remotissimos, talvez desde que o homem se associou entre si para assegurar o triumpho na lucta pela existencia, a punição da falta com o soffrimento pela tortura, pelo sacrificio e pela morte. À medida que a ideia do justo se desenvolveu, estes tormentos e infamias sobre que se appoiou o regimen theologico da Edade Media, foram desapparecendo do numero das leis em vigor, restando hoje apenas a pena de morte, a prisão e o desterro.

A pena de morte sendo altamente immoral, com quanto exista ainda em quasi todos os povos ou melhor em todos os povos da Europa, à excepção de Portugal, está irremediavelmente condemnada apesar de contar ainda adeptos entre alguns raros escriptores distinctos como Hubert Boëns <sup>1</sup>, apesar de ter sido ha pouco restaurada entre um povo liberal por excellencia — A Suissa.

Fundado sobre o direito que a sociedade tem naturalmente de se expurgar dos criminosos por habito que comprometta a marcha regular de todos os elementos na concorrência geral, este escriptor diz, «que a pena de morte é um direito social e que abolir esse direito é dar coragem ao assassino offerecendo a prisão por premio a individuos que não têm outro refugio e que já a não temem, é supprimir uma das medidas eminentemente preventivas e efficazes para a segurança dos bons cidadãos.» Em seguida este escriptor, que reconhece a irresponsabilidade dos criminosos, declara: «que não é dos que crêem na efficacia do exemplo do cadafalso e na influencia do terror que inspiram as penas capitales.» Defende-a pois como o meio mais summario de a socie-

---

<sup>1</sup> La responsabilité au point de vue sociologique — La philosophie positive — *Revue*, t. xx.

dade se livrar do contacto dos grandes monstros, e ao mesmo tempo como o meio mais seguro de evitar a sua reproducção que necessariamente seria de elementos inferiores com aptidão para o crime excepto alguns casos raros de atavismo.

Na sua affirmação, na essencia contradictoria, Hubert Böens abstrae de que a sociedade tem por obrigação essencial vellar pela segurança de todos os seus membros, e que por modo algum pôde sem graves consequencias, garantir pela lei a propria transgressão que condemna.

Os effeitos da pena de morte são conhecidos; sabe-se que não exerce a menor influencia sobre aquelles que em virtude de uma organização especial estão aptos para praticar crimes a que os codigos a applicam; e Moncasi e Passavante, que na Hespanha e Italia attentaram contra a vida de Affonso XII e Humberto I, quasi todos os criminosos sabem perfeitamente a sorte que os espera perpetrando um acto que a sociedade julga prejudicial, e no entanto por este facto não deixam de seguir o caminho que os leva á satisfação do seu desejo, quer tenham diante de si o cadafalso, a prisão ou o desterro.

Sabe-se tambem pela estatistica que entre nós, apesar de ter sido abolida ha muitos annos, não tem augmentado o numero de casos em que seria applicada. Na Suissa, o unico povo onde tambem se achava abolida e onde ha pouco foi restabelecida, tambem a criminalidade não augmentou, e não foi tendo em vista o registo dos tribunaes que o restabelecimento foi votado. Este barbarismo social, é certo, existe em todos os estados europeus, mas por toda a parte conta os mais temiveis adversarios; a França está em vespera de a abolir e ha bastante tempo que já não presenciera uma *execução*. Na Hespanha como no restante da Europa, ligada ao regimen despotico em que vive, está como elle abalado e não tardará que seja eliminada.

A pena de morte é em fim um ultraje á dignidade humana, e como tal desapparecerá da lei fundamental de todos os povos cultos logo que se operem as reformas indispensaveis no seu modo de viver intimo.

O codigo porém conta além d'este muitos outros erros gravissimos.

É frequente condemnar-se o criminoso á prisão por um periodo mais ou menos longo conforme a gravidade do delicto, mas como nas prisões se não cuida senão na segurança dos encarcerados, ficam entregues á ociosidade, tendo em perspectiva as bayonetas dos soldados que os guardam á vista e em convivio com os grandes monstros tornando-se incapazes de viverem na sociedade. Na prisão o seu cerebro bem longe de receber impressões tendentes

a transformal-os em cidadãos uteis, antes pelo contrario recebe-as favoraveis ao desenvolvimento do effeito mental em virtude de que ali penetraram. Se até esse momento seria possivel por meio de uma educação bem dirigida e apropriada, supplantar a aptidão nascente para o crime desenvolvendo-se-lhes lentamente as outras partes illesas do cerebro a que correspondem funcções intellectuaes differentes, desde que o culpado é condemnado á prisão perpetua ou temporaria torna-se refractario a toda a tentativa de regeneração, porque com tal pena se lhe *aperfeiçoa a bossa* para o crime, ficando atrophiadas todas as outras faculdades.

Isto succede invariavelmente quer a prisão seja cellular ou geral, porque nunca se consegue evitar radicalmente o convivio moral dos criminosos; mas ainda dada a hypothese de serem todos absolutamente isolados entre si, não é o isolamento por um dado periodo que transforma, como é costume dizer-se, a *vontade dos criminosos*, não é o bastante para que a sociedade repare o crime porque ainda não corrige. Subsiste a nossa affirmação de que as prisões são um perigo eminente e até certo ponto como que um incitativo para uma grande parte de seres inferiores que odiando o trabalho procuram a ociosidade que em nenhuma parte encontram com tanta facilidade como no carcere.

Sobre esta instituição repugnante têm-se pronunciado as mais elevadas competencias, que são concordes em affirmar que é um perigo para a moral publica, um mal a que é preciso obviar porque é a causa de muitos crimes.

Moreau Christophe, inspector geral das prisões, citado por Wyrouboff, diz que onde ha uma prisão ha uma associação, de modo que a justiça cobre por assim dizer um paiz de uma rêde immensa de que cada malha é uma prisão a que chama clubs anti-sociaes, abrigos dos malfetores, reuniões publicas de condemnados, de mendigos vagabundos, de accusadores, assassinos, ladrões e prostituidos que por toda a parte se associam entre si pela solidariedade do crime<sup>1</sup>.

O illustre professor de medicina legal dr. Maudsley, diz tambem que «os directores das prisões os mais reservados e experimentados chegam cedo ou tarde a convencer-se de que não ha nenhuma esperanza de reformar os criminosos por habito. As tristes realidades que eu observei, diz M. Chesterton, me levam a dizer que pelo menos as nove decimas partes dos malfetores por officio, não têm o desejo nem a intenção de renunciarem ao seu modo de vida; amam os vicios a que se entregam...» «O Dieu!

---

<sup>1</sup> L'homme et les sociétés, p. 176, t. II.

que c'est donc bon de voler! quand encore j'aurais des millions je voudrais tout de même être voleur.» Ouvi eu dizer a um joven ladrão:

«Todos aquelles que têm estudado os criminosos, escreve o auctor, sabem que existe uma classe distincta de seres dedicados ao mal, cuja horda se assemelha nas nossas grandes cidades á população dos bairros de ladrões que se entregam á intemperança, ao vicio, ao deboche, que sem se importarem com os laços do casamento ou dos impedimentos da consanguineidade produzem uma população criminosa de seres degenerados. Porque é ainda um facto observado que a classe criminosa constitue uma variedade de seres degenerados ou morbidos da especie humana assignalada por caracteres particulares de inferioridade physica ou mental. . . .<sup>1</sup>.

Para esta classe de criminosos a que se refere Maudsley é claro que a prisão de nada serve; pelo menos a sua maioria é incorrigivel e se a sociedade os tolerar serão sempre recidivistas ácerca de que uma medida exclusiva convem tomar—a expulsão sob a vigilancia da propria sociedade para evitar ainda no desterro se reproduzam. Quanto porém áquelles em que a tendencia para o crime começa a manifestar-se por um pequeno delicto, a prisão tambem nada faz que os determine a mudarem o seu modo de vida e pelo contrario como já dissemos imprime-nos uma direcção no sentido do crime porque nada se faz para que saiam d'ali regenerados. Obrigam-se a amar a ociosidade; se entram ignorantes sahem bestializados e entorpecidos; se são simples criminosos sahem muitas vezes grandes monstros. Por isso as prisões taes, como se acham instituidas são um perigo e um attentado contra a moral publica. O que é necessario é que á reclusão se juntem os esforços para que os criminosos amem o trabalho habituando-os a um qualquer ramo de actividade e que nos seus cerebros obscuros, cheios de prejuizos se procure fazer a luz por meio d'uma educação moral e intellectual que não só os ensine a ler, o que é pouquissimo, no meio apenas, mas se lhes dêem as noções do justo.

Mas se isto é absolutamente necessario, é tambem o que rigosamente o código penal não determina confiado no aspecto tetrico das prisões rodeadas de ferros.

O proprio destino é feito em condições detestaveis, indo os criminosos prejudicar muitas vezes como em Portugal os povos das colonias para onde são mandados e onde se reproduzem livremente.

---

<sup>1</sup> L'homme, tom II, p. 164.

Resumindo o código penal é ainda hoje uma puerilidade como lhe chamou Gall, em que se é verdade se não pôde fazer uma reforma radical com a rapidez desejada, também é certo que muitas das suas prescripções podiam ser alteradas e modificadas se os poderes publicos de que depende se inspirassem nos trabalhos dos pensadores mais distinctos que como Maudsley, Christophe Moreau e Chesterton não podem ser taxados phantasiadores utopistas. Aquelle com o escalpello e a observação scientifica da estatistica, e este com a experiencia nas proprias prisões condemnam o systema da penalidade seguida na Europa, aconselhando os meios preventivos em cuja rapida analyse vamos entrar.

(Continua.)

N. ALVES CORREIA.

## CAMÕES NAS ILHAS DOS AÇORES

### III

(Conclusão.)

Pedro de Mariz, contemporaneo de Camões (e cujos *Dialogos de varia Historia* foram a primeira vez publicados em 1594), escrevendo a vida do poeta, publicada na edição dos *Lusiadas* de 1613, dá-o voltado da India na náó *Fé*. Este facto teve acceitação geral até ha poucos annos. Ainda no seu *Camões*, (CANTO III, in fine) disse Garrett:

.....Santa Fé  
Se diz o galleão.....

A mudança de opinião a este respeito só tem fundamento na passagem transcripta de Couto.

Couto acabando as suas 8.<sup>a</sup> e 9.<sup>a</sup> *Decadas* em 1614, e enfermado gravemente antes de as remetter para o reino, desappareceram-lhe de casa; mas depois teve saude e forças para das lembranças que lhe ficaram e da felicissima memoria que tinha, juntar outra vez o que n'aquellas duas *Decadas* tratava, de que fez um só volume, recopilando n'elle as cousas de menor importancia e relatando as maiores mais largamente, com o que remediou o furto. (Manuel Severim de Faria — *Vida de Diogo do Couto*.)

Esta declaração e a confrontação d'estas com as anteriores *Decadas*, é bastante para mostrar o quanto foram apenas um trabalho de *suprimento*.

O fundamento para a vinda de Camões em companhia de Diogo do Couto na náó *Santa Clara* cifra-se na intelligencia dada ás palavras *matalote* e *camarada*, por elle empregadas na passagem referida. Vejamos o seu valor.

*Matalote* (do francez *matelot*) significa marinheiro, mas no sentido empregado por Couto, quer certamente dizer *consocio nas expedições de trabalhos marítimos da guerra*. O proprio Camões empregando esta palavra no seu *Filodemo*, acto 3.<sup>o</sup>, scena 5.<sup>a</sup>, dá-lhe apenas a significação de consocio, mesmo em circumstancias alheias á vida marítima.

*Camurada* é o companheiro nas lides bellicas da terra, até ao ponto de pousar na mesma *camara* ou quartel (Duarte Nunes — *Descrição de Portugal*, pag. 348).

Couto não empregou aqui estes termos com relação ao simples facto de *companheiros de viagem* para a patria.

Atraz com relação ao mesmo facto expressa-se elle d'outra fórma: «D. Antão de Noronha, etc.» Não nos lembra de ver taes termos empregados por elle em outro algum lugar das suas *Decadas*. Empregou-os de certo aqui com relação a factos anteriores da sua vida e d'aquelles que nomeia, Heitor da Silveira e Fernão Gomes, e depois Camões só como *seu matalote* e amigo. Se quizermos tomar taes palavras em sentido mui particular e privativo á occasião, mas pouco fundamentado, só assim poderemos obter um resultado positivo e logico.

Admittindo que a palavra *matalote* signifique aqui consocio na *matalotagem* ou provimento de victualhas para a viagem; e que *camurada* fosse o que vinha na mesma *camara*, *camrote* ou *camarim*, teremos então que Camões, não vindo na mesma camara em que veio Couto, foi com tudo *seu matalote*, não por associação com Heitor da Silveira e Fernão Gomes, mas por simples favor de Couto, e não faltou *quem* lhe desse de comer <sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A palavra *matalote* tem um valor historico e exprime um costume da navegação portugueza da India. Transcreveremos da *Viagem* de Francisco Pyrard de Leval, traduzida pelo erudito Rivara, a descripção d'este costume: «Quando o vice-rei recolhe a Portugal escolhe os navios que quer, e os faz prover de mantimentos a que chamam *matalotagem*; e ha tempo para isso. E quando os portuguezes sabem que algum vice-rei, arcebispo ou grande senhor e capitão se vae embora, cuidam em se metter no seu rol e obter licença para se irem com elle; porque n'este caso todos quantos vão no navio, tirada a gente do mar e officiaes do mesmo navio que levam e têm sua *matalotagem* á parte, são sustentados de graça, ou sejam fidalgos ou soldados. Assim, quando algum grande senhor se apercebe para se embarcar para Portugal, faz metter mantimento para toda aquella gente, além do que para si ha mister. E todavia é preciso grande favor para alguém entrar no rol do vice-rei, porque para uma pessoa se aviar bem de mantimento para a viagem não dispense menos de duzentos a trezentos pardãos.» Em outro lugar do seu livro, Pyrard fallando do regresso do arcebispo de Goa a Portugal, escreve: «Comtudo elle havia obtido licença para se ir embora, e havia feito todos os apercebimentos de mantimentos e *matalotagem* para mais de cem pessoas, afora

Fique a decisão d'este ponto para mais competente juiz, e ou fosse uma ou outra a não que conduziu de Moçambique para Lisboa Luiz de Camões e o seu poema, isso nada tem com a questão de haver Camões tocado nos Açores, nem tira a uma d'ellas ou a ambas o direito á celebridade, pois que, como expressa o sabio bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo — «nuuca sulcou as aguas de Portugal um vaso com carregação mais rica de fama e gloria para a gente Lusitana.»

JOÃO TEIXEIRA SOARES.

---

os seus domesticos, que montavam bem a outro tanto numero, e são necessarios ao menos trezentos pardãos para mantença de um homem da India a Portugal »

Diante d'esta precisão historica não é possivel a interpretação philologica. Camões não era *matalote* de Diogo do Couto, mas ambos elles, como outros amigos que o encontraram em Moçambique, vinham para Portugal na *matalotagem* do vice-rei D. Antão de Noronha; assim a palavra *matalote* significa companheiro de viagem, no mesmo rol dos passageiros por concessão gratuita de um vice-rei ou alto personagem. Por esta explicação se notará que foi em a não Santa Clara, em que vinha Diogo do Couto, e por intervenção dos amigos citados pelo chronista, que Camões conseguiu transportar-se para o reino gratuitamente na *matalotagem* do vice-rei. O erro de Mariz, dando o seu regresso na não Fé, explica-se pelo facto de tanto uma como a outra não terem chegado a Lisboa em abril de 1570. Mariz padeceu, como todos os seus contemporaneos, de uma profunda ignorancia dos dados biographicos de Camões.

THEOPHILO BRAGA.

# SECÇÃO POLITICA

---

## GAMBETTA

A França, tanto pelo seu systema republicano que já lhe deu a perda preponderancia de potencia de primeira ordem, como pela situação em que se acha de se preparar para recuperar as duas provincias de que foi expoliada, está sendo actualmente o objecto primordial das attensões da Europa. A Allemanha, na sua parte conservadora, dirige a sua politica interior e exterior no sentido da probabilidade de uma guerra franco-allema inteiramente diversa em quanto ás consequencias que se devem prever da de 1871.

Por outro lado todos os governos monarchicos, presentindo com razão que os progressos da republica em França hão de naturalmente e fatalmente orientar e impellir os povos do mundo na realisação d'essa unica fórma da liberdade e do progresso, manifestam como podem, ante essa nação tão poderosa pelo seu renascimento e pelas sympathias que tem na democracia universal, a sua má vontade, a sua desconfiança, o seu despeito quando mesmo não deixam escapar um pequenino manejo perfido. Apparentemente as monarchias chegam a usar para com ella de uma cortezia diplomatica ás vezes até ostensiva. Mas quando se lhes offerece occasião mostram os seus intuitos verdadeiros, como a Hespanha n'esse acto de ingratição que abafou a expansão do reconhecimento do povo hespanhol pela generosidade fraterna dos

francezes por occasião das inundações de Murcia, como a Inglaterra, dispensando pela sua rainha e pelo seu governo ao príncipe Napoleão os mais significativos favores, não trepidando mesmo na ideia de uma apothese offensiva da republica e baixa no motivo, ou até como Portugal em cuja cõrte e em cujos periodicos mais monarchicos se move á França uma guerrasinha de dementes que ainda ha pouco se manifestou na ida a Tunes do couraçado *Vasco da Gama* não para proteger nacionaes que lá não existiam mas para cooperar em qualquer designio da Inglaterra.

No meio porém d'estes receios dos monarchicos europêos ha uma esperançosa confiança na republica franceza que parte da classe mais illustrada e mais sinceramente liberal do mundo, a democracia, e é esta confiança que contrabalança a má vontade das monarchias.

Vê-se, pois, que unanimemente se olha para a França, com a previsão de que ella será altamente favoravel á fundação do systema republicano em toda a parte. Quanto mais se vê a progressão da sua prosperidade, tanto mais bases se acha para essa previsão. E não ha duvida que isto é hoje o que todos pensam. É um erro? Não é, porque, quer a França se abstenha de intervenções no estrangeiro, quer se não abstenha, o que é importante é o seu exemplo, é toda essa luz que os francezes derramam desde os mais remotos tempos, luz perigosa para as monarchias.

Ora nós, sabendo já que a republica franceza tem esse destino tão temido pelos conservadores e tão desejado e bem visto pelos democratas, pretendemos investigar a fórma pela qual ella será realisado nos outros povos da raça latina.

Foi por isso que escolhemos para titulo d'este trabalho o nome de Gambetta. Não é porventura o modo mais correcto este de fazer assentar n'uma personalidade toda uma politica de uma nação repnblicana. Mas já vamos ver como isso é natural, seguro e compativel com a republica.

Uma das luminosas superioridades do systema republicano sobre o systema monarchico está em que n'aquelle a ascensão pessoal aos corpos publicos se opéra por um conflicto de intelligencias, do qual só sae vencedor o mais apto, e n'este o primeiro e principal cargo do governo é herdado por uma familia como se fosse uma propriedade d'ella. Como consequencia natural d'isto, o individuo a quem uma nação entrega o governo republicano recebe uma honra que lhe impõe a gratidão e acceita um mandato que ha de cumprir sob pena de o perder; ao passo que um rei *por graça de Deus* antes faz favor em dirigir o seu povo, porque o mandato de que é investido lhe foi conferido por Deus, de modo que a sua auctoridade é que se impõe ao povo em vez da do povo

se lhe impôr, de modo que é irresponsavel e não tem nem que dar satisfações nem que seguir a opinião dos seus subditos, e de modo que é vitalicio e hereditario, porque quem se crê que lhe deu o mandato nunca appareceu no mundo a destituir nenhum rei. Ora Gambetta é na republica franceza o homem que possui mais aptidões para o governo que ella precisa. Não que a França não tenha numerosissimos homens de estado, dotados de todas as qualidades necessarias a uma republica; mas porque a politica franceza tem de ser não uma politica de simplicidade democratica mas uma politica habilmente subtil com preparações de força para que é rarissimo encontrar no tempo e no espaço capacidades com os dotes indispensaveis, sobretudo quando essa politica se tem de effectuar n'uma republica e n'este momento da historia.

Por outro lado a intellectualidade moderna exige para a estabilidade progressiva dos governos condições essenciaes de governar. O periodo que atravessamos, se está menos sujeito que o passado aos ardis da diplomacia monarchica, caracteriza-se porém por um complexo conflicto de opiniões. Hoje pensa-se extraordinariamente mais, as phases evolutivas transformam-se com uma rapidez incomparavel, e d'ahi nasce a necessidade de crear novas fórmulas sociaes para as adaptações do progresso. Uma nova concepção social exige uma nova fórmula social ou politica. Por um lado está com o seu apêgo á rotina o mundo conservador; por outro vê-se o mundo propriamente moderno, fogosamente progressivo, unanime nas negações que impõe, mas dividido nas theorias que descobre, como o indicou Gustavo Le Boa. Desde que a physica das sociedades foi fundada, o futuro mais perfeito d'ellas foi concebido com verdade, e como a metaphysica deixou nos espiritos a nota da indisciplina mental e do absoluto nas idéas, o conhecimento de que a humanidade só progride passo a passo, evolutivamente, não evita ainda hoje que uma parte da classe intelligente queira com intransigencia que os seus pensamentos se traduzam logo em novas fórmulas sociaes e que as suas negações produzam immediatamente na realidade os seus effectos.

Isto é bom, isto é justo—logo estabeleça-se; aquillo é mau, aquillo é injusto—logo elimine-se. A evolução não dá saltos, e julgar que ha uma formula absoluta de perfeição, é desconhecer que o estacionamento social mesmo no mais sublime ponto só se poderia operar sob pena de retrogradação. No meio d'este largo e fecundo conflicto, onde está a orientação dirigente ou governativa? Está na relatividade das coisas, que dá as bases de todas as equações e equilibrios sociaes, e que pôde exprimir-se pela seguinte formula: O conservatismo occupando na escala da civilização o 10.º grau e o progressismo o 20.º—o equilibrio evolutivo

entre esses dois factores sociaes faz-se collocando-os sob a fórma social correspondente ao 15.º grau, o que realisa um regimen de compensação capaz para que as reformas se operem pacificamente.

Ora é ao criterio que sabe achar esse equilibrio que se chama o *opportunismo*, e esse criterio pertence á philosophia positiva. Gambetta, tanto por uma admiravel intuição da evolução moderna, como pelas suas relações com Littré, foi o que assim denominou a politica pratica e scientifica que adopta.

E vem a proposito lamentar aqui a morte do grande Littré. Os serviços d'este eminente philosopho prestados á humanidade são d'aquelles que pouquissimos homens pôdem realisar. Do lado da sciencia e da philosophia, elle deu o positivismo de Comte purificado de tudo o que era ainda metaphysica e mostrou como a applicação d'essa philosophia é a unica fórma de estar sempre dentro do real e da verdade; do lado da moral elle provou com o exemplo da sua vida que as grandes virtudes humanas, a alta abnegação civica, a honra, a generosidade, a inteireza, a temperança, o amor e todos os sentimentos nobres são mais proficuos e mais elevados quando o espirito rejeita a crença no que passa para além da realidade observada e verificavel, do que quando está imbuido das ficções theologicas ou metaphysicas. Littré acaba de morrer, deixando ao mundo que o admira as suas obras que desde a primeira até á ultima são a negação provada e demonstrada das doutrinas não assentes na experiencia; mas o clero, este digno clero ou este digno jesuitismo que é um e o mesmo em toda a parte, apossou-se do espirito de uma mulher fanatisando-a, mulher que Littré morreu amando como elle sabia amar, e por este meio pode insultar o grande morto que sempre respeitou, apesar de as condemnar, as crenças falsas, baptisando-o á hora do passamento, isto é, quando já não podia repellir o insulto, e enterrando-o como se fosse um catholico a elle Littré que não tinha religião. Que a memoria do philosopho, do trabalhador, do sabio, do homem coexista com a humanidade como grande exemplo de virtudes.

Viu-se o que é o opportunismo. Viu-se como elle é a condição da realisação do progresso na ordem. Viu-se tambem de que natureza especial tem de ser a politica franceza. Ora para estar á frente da França são precisas qualidades tão complexas e até tão encontradas entre si que os genios que as reunam são rarissimos. A França esteve sujeita como nenhuma nação ás ostentações de um cazarismo monstruosamente vaidoso, e d'aqui partiu uma certa tendencia para a admiração subserviente pelos grandes homens; isto faz com que os seus politicos possam ser tanto mais reformadores quanto mais força tirem da influencia que exerce-

rem sobre o povo, e para alcançar esta influencia é preciso ser uma personalidade ruidosa, que se imponha a conservadores e a progressistas. Depois o exercer o opportunismo não é para todos. Saber achar com a maior aproximação os multiplos e variaveis equilibrios de uma sociedade, saber ser tão desapaixonado que nunca ahí dê logar á preponderancia da minima aspiração individual, poder ter para a defeza de uma formula a faculdade dos meios emocionaes, tão precisos ainda no nosso tempo para convencer as classes conservadoras e para lhes inculcar confiança, poder sobretudo alliar estas aptidões n'uma imperturbabilidade vigorosa de acção — são qualidades que em França tem Gambetta, mas de que não se encontram outros assim dotados.

Fixo na sua idéa, prodigioso na facilidade da sua palavra, tribuno em todo o sentido do termo, audaz, rapido e fulminante na réplica, mas sem nunca se desconcertar, plenamente seguro de si, sabendo como ninguem convencer, sabendo arrebatrar e podendo-o sempre — os discursos de Gambetta são a eloquencia dos factos, a eloquencia invencivel, a unica que é util, utilissima, sem ser perigosa. Politico o mais habil e o mais activo da França, onde tantos ha, estadista com um largo e profundo conhecimento pratico dos meios de governar, diplomata de uma sagacidade e de uma constancia triumphante, Gambetta tem todas as qualidades para chefe de um partido. Discipulo da philosophia positiva, admirador de Comte cuja obra ainda ha pouco encareceu com entusiasmo na Suborne, elle é um homem absolutamente pratico, absolutamente diverso de um Lamartine ou de um Castellar. É com estes dotes que elle está á frente do partido opportunistas, um partido avançado, mas evolucionista e por isso equilibrador e conciliador. Um facto, o mais caracteristico d'este partido, é a ultima amnistia que era tão repellida pelos conservadores como apaixonadamente pedida pelos radicaes. De uma parte temia-se que os deportados e exilados politicos viessem agitar a França e da outra combatia-se pela sua vinda. O opportunismo soube esperar o momento em que os receios eram menos consistentes, e fez a amnistia, isto é, fez o equilibrio de que fallámos.

Por isso, o partido opportunistas é o que está nos casos de melhor e duradouramente governar a republica. Existe, é verdade, já hoje o sympathico e necessario partido radical moderado a cuja frente se acha Clemanceau, que é um extraordinario orador cujo principal merito é o de exercer a politica com a mesma imperturbabilidade com que exerce a medicina. Mas o que divide este partido do opportunistas? Um e outro tem os mesmos principios, com a unica differença que aquelle os quer já realisados e este os quer realisar quando elles forem a média das vontades fran-

zas. O proprio Gambetta, quando desce da cadeira presidencial para vir occupar o seu logar de simples deputado, senta-se entre os membros da Extrema-Esquerda. Por occasião da amnistia o radicalismo e o opportunismo tinham a mesma vontade, por occasião do escrutinio de lista votaram juntos. As difficuldades de que Gambetta fallou quando Mac-Mahon teve de abandonar a presidencia da republica são as que ha em realisar o programma republicano do tempo do imperio, e passadas ellas, realiado esse programma, o accôrdo entre os opportunistas e os radicaes está feito, porque não ha politica scíentifica que não seja politica de opportunidade.

Como se vê, Gambetta é o homem da França, por assim dizer. Chamam-lhe dictador porque elle realisa o que empenha, mas não veem que elle o que faz é dar fôrma ao equilibrio das opiniões. Accusam-no de elle não querer ser governo, mas fingem desconhecer que elle só o pode ser quando o seu programma do tempo do imperio tiver a opportunidade de realisação. Attribuem-lhe designios se fazer por um plebiscito imperador, e elle responde n'um discurso lido por toda a França que o maior perigo para uma nação, a maior vergonha e o maior erro é entregar-se nas mãos de um só homem, de um aventureiro, como elle mesmo diz. Notam que a sua viagem a Cahors se pareceu com a de um monarcha, e elle no fim de contas só pretendeu com ella trazer para a republica uma parte da França onde os conservadores ainda tinham força, os conservadores sobre quem as manifestações de evidencia republicana exercem um tão grande poder. Em França estas viagens politicas são muito usadas, e a ultima viagem de Luiz Blanc, este democrata tão completo, por occasião do artigo 7.º foi uma manifestação que só diffiriu da de Cahors em que o grande historiador não tinha uma posição official, um nome e uma influencia politica como tem Gambetta. Tambem o accusam de não cumprir o seu programma e de proteger governos que o regeitam; mas o que ha de elle fazer com um senado que, para votar a amnistia, foi preciso ser illudido, e que acaba de rejeitar o escrutinio de lista? N'estes casos e com uma camara que se não impõe pela elevação intellectual insistir nas reformas seria devidir mais os republicanos sem utilidade e com grande dispendio de forças. Calcule-se o que um homem como Gambetta tem trabalhado ha mais de um anno para fazer votar o escrutinio de lista e compare-se com o resultado: trabalho inutil. Imputam-no, apesar d'isso de não achar ainda opportuna a reforma da constituição. É preciso saber que Gambetta tem a lutar para esse fim com todo o partido republicano conservador ao mesmo tempo que com todos os partidos reaccionarios, que não

votaram a constituição republicana senão porque elle tinha o senado. Habi como é, não deve senão inspirar confiança a esses partidos até que tenha força para os dominar. Além d'isso a refôrma da constituição ainda não chegou ao ponto da vontade media da França. Veja-se que o 9.<sup>o</sup> *arrondissement*, que na eleição de Thiers, de Grévy e de Girardin exprimiu a opinião franceza, esse circulo que é o thermometro da vontade de toda a França, quem foi eleito não foi o dr. Paul Dubois, que queria a suppressão do senado, mas Anatole de la Forge, que a não queria. E isto não admira. A França tem prosperado de uma maneira espantosa sob a constituição e sob ella poude evitar todas as perfidias do 16 de maio, e estes resultados que solidificaram a republica, salvaguardaram a constituição.

Esta politica de Gambetta é verdadeiramente scientifica. É a politica solida que garante a França contra os consulados e as aventuras, e a républica é a ella que deve a grande força que tem.

Por aqui já nós sabemos que nada ha a temer do futuro da França. A republica expandir-se-ha lentamente, progressivamente, com todas as suas naturaes consequencias de liberdade e de civilisação. Por este modo nunca os partidos extremos exercerão preponderancia illigitima, antes se irão eclipsando e perdendo terreno. Em quanto que na Russia, na Allemanha, na Hespanha o socialismo se desenvolve como resultado de centralisação extrema, do mal estar aggravado, em quanto que nas monarchias os conservadores retrogam mais e se firmam n'uma intransigencia absolutista, como succede entre nós que vemos os nossos antigos partidos liberaes, aquelles que se inspiravam dos movimentos europeus mais avançados, reagir contra os melhores principios que defenderam, — o socialismo francez funde-se no radicalismo moderado, como o prova o partido radical em cujas fileiras militam até muitos dos principaes socialistas, e os conservadores caminham sem reluctancias serias para o regimen opportunistas da republica. Isto assim é fazer entrar todo um povo na consciencia das suas necessidades, é progredir na paz, na ordem e na justiça, é progredir sem perigo, sem abalos, sem odios. E é por isso que a França já hoje é a mais potente nação, e Gambetta o homem a quem a França entregará o exercicio da sua força.

Ora, depois de se saber que a republica garante o futuro d'esse paiz e a boa politica garante a republica, saibamos que elementos a França offerece e que meios empregará para garantir o desenvolvimento politico das outras nações latinas, desenvolvimento de que a França precisa. Para isso basta-nos ver que politica estrangeira segue.

Todos sabem que um dos objectos de Gambetta é a reconstituição militar da França. O exercito progride em força e em disciplina de uma maneira surprehendente: os pontos estrategicos são fortificados e as fronteiras espantam o mundo pela fórma por que se está dispondo a sua defeza. Ao mesmo tempo a republica intervem nos negocios europeus, orientaes e africanos. No oriente faz satisfazer uma parte dos desejos da Grecia, no mediterraneo, a Tunesia acaba de ser submettida ao protectorado francez, que é o que na realidade estipula o tratado imposto ao bey; o embaixador Tissot manda ao sultão uma nota em que lhe declara que a esquadra franceza considerará a esquadra turca como inimiga se se aproximar de Tunes; no canal de Suez a sua influencia contrabalança a influencia ingleza pela sua participação na administração do Egyto. É uma politica activa, contraria a toda a abstenção.

Em quanto isto se passa, Gambetta faz votar na camara dos deputados o escrutinio de lista. Como havemos de mostrar n'um artigo especial, o escrutinio de lista tem por fim fazer uma representação puramente nacional, isto é, em vez dos deputados serem representantes dos interesses particulares de cada circulo, são os representantes da nação, ou para melhor dizer, não vão ao parlamento com o fim de deliberar sob o ponto de vista das vantagens particulares dos circulos, mas sob o ponto de vista dos interesses nacionaes. Embora o escrutinio de lista fosse rejeitado no senado, elle ha de ter realidade, e mostra já que Gambetta quer que a França tenha uma politica nacional no estrangeiro, uma politica sabia, unida, forte, homogenea, a politica por tradição nobre, liberal, profundamente democratica e profundamente fundada nos interesses da raça latina, que são os da França nas suas relações com o pangermanismo e com o panslavismo.

Ora a Italia está em monarchia, e devendo os seus governos não só por interesse da raça latina, mas tambem pela gratidão que a França merece da Italia, auxiliar e estar ao lado da sua vizinha lealmente, mostraram ainda ha pouco quanta animadversão tem á republica franceza.

Com velleidades que as circumstancias da Italia não permitem, o governo italiano quiz levantar um conflicto com a França a respeito de Tunes. Atropelando os direitos que a republica tinha de proceder como procedeu, usou de má fé para indispor o bey com a França. E era o povo italiano que pedia isso? Não. Esse manifestava os seus sentimentos fraternos pelo francez. Era unicamente a oligarchia que governa a Italia. Da parte da monarchia hespanhola revelam-se os mesmos intuitos de hostilidade, da parte

da monarchia portugueza tambem. E nós já vimos que isto é natural.

Qual será, pois, a politica franceza estrangeira mais provavel? Se a França intervem no concerto europeu fazendo valer a sua preponderancia e fazendo respeitar todos os seus interesses, quantas mais rasões não tem para promover, se tanto lhe fôr necessario, a federação de toda a raça latina pela formação de republicas em Italia, em Hespanha e em Portugal? É este o pensamento que prestamos a Gambetta. O seu genio, os seus grandes pontos de vista, a sua qualidade de discipulo da philosophia positiva, ao mesmo tempo que as aspirações generosas do povo francez, a politica continuadamente seguida por Gambetta, auctorisam-nos a suppô-lo. A França quer a paz, mas acha-se rodeada por monarchias que a odeiam, e a Allemanha, que tem por seu lado a Austria-Hungria, desperta esses rancores, e aproveita-os para isolar a França.

Além d'isso a raça latina tem de fortificar-se contra a invasão crescente do germanismo e do slavismo, e para isso não basta que se ache unida, é-lhe preciso sobretudo governar-se bem, progredir em todos os ramos da actividade humana, o que só á republica é dado fazer.

Ha portanto nas fôrmas de governo da Italia, da Hespanha e de Portugal um grande interesse francez, e a França que tem sido percursora das grandes transformações politicas tem a missão de, pelo exemplo e pelo apoio, restaurar os outros povos latinos.

Mas em cima d'isto tudo estão a Alsacia e a Lorena, que decaem sob o regimen prussiano e que querem voltar á França que não esquece que ellas lhe foram expoliadas. Uma guerra com a Allemanha, tendo contra si a Hespanha e os odios das monarchias, não convém á republica. E ésta rasão é sobre todas poderosa para que Gambetta e os francezes pensem tanto como os italianos, como os hespanhoes e como os portuguezes na substituição do sistema monarchico pelo republicano. Com toda a raça latina constituida em republicas, facil seria á França recuperar as suas duas provincias e pouco seria o sangue derramado, que é o que convém á prosperidade franceza e europeia. Mas como se dará essa intervenção da França? Directamente, não; o tempo das intervenções armadas já passou. Indirectamente, sim; neutralizando o esforço das monarchias estrangeiras e protegendo os paizes reformados contra as intervenções como a da Hespanha em Portugal. E nem mais é preciso. As monarchias na Hespanha, na Italia e em Portugal não tem prestigio, não tem força, e a democracia é immensa. Basta que o estrangeiro, cuja parte mais perigosa foi sempre a França monarchica ou imperial, não possa ir annullar os trabalhos republicanos para tudo se conseguir.

Ora ninguém deve ver tudo isto melhor que Gambetta, ninguém tem mais dotes para lutar com a diplomacia monarchica do que elle, ninguém pôde dirigir a França como quem pelas suas aptidões extraordinarias é o depositario da confiança do povo francez. Em fim, nós attribuímos a Gambetta o pensamento occulto de, no momento opportuno, quando fôr governo, offerecer a toda a raça latina o apoio da França para eliminar as monarchias e fundar as republicas.

Convictamente republicano, é digno de si este proposito. E se fosse verdade que o movel de Gambetta é a gloria, a maior que elle poderia ter no mundo seria a de presidir á transformação politica e social dos povos latinos. E o futuro dirá talvez em breve se nos enganamos.

SILVA GRAÇA.

## MONUMENTOS DA LITTERATURA PORTUGUEZA

### IV

#### FRAGMENTO DE UMA POETICA PROVENÇAL DO SEculo XIV

A imitação da Poesia lyrica da Provença começou em Portugal pela influencia do norte da França, onde eram moda palaciana as canções occitanicas, e d'onde as trouxe o principe Dom Affonso com os fidalgos emigrados que vieram derrubar do throno Dom Sancho n. Na côrte de Dom Affonso m conservou-se o gosto francez, e os nomes dos principaes trovadores portuguezes pertenceram a cavalleiros que estiveram com o rei usurpador refugiados na côrte de Sam Luiz. Havia um estudo calculado dos recursos da metrica trobadoresca, a que se chamava *Arte mayor*, á qual allude o Marquez de Santillana; nas sirventes dos trovadores portuguezes, as injurias versam sobre a impericia nos variados artificios da melica provençal, os quaes eram verdadeiramente extraordinarios nas fórmãs da versificação, da rima, da estrophe, dos retornelos e até do emprego de certas letras do alphabeto. O joven Dom Diniz teve um professor meridional, Aymeric de Cahors, que lhe ensinou a trovar como se vê pela Chronica de Nunes de Leão; em uma canção dizia este monarcha: «Quero em maneira de proençal—fazer agora um cantor de amor.» É pois natural que existisse entre nós alguma *Arte poetica*, que tivesse dirigido os primeiros ensaios litterarios da aristocracia portugueza, enthezourados nos Cancioneiros do Vaticano e da Ajuda. De facto no *Cancioneiro portuguez* que pertenceu ao erudito italiano da renascença Angelo Colocci, achado ha pouca na livraria do Conde Brancutti, e publicado pelos romanistas Molteni e Ernesto Monaci, as primeiras folhas encerram os fragmentos de uma *Poetica provençal portugueza*. O texto é quasi illegivel, mas á custa de um constante esforço chegámos a apurar esta lição, que aqui consignamos como documento precioso para a historia litteraria de Portugal:

## CAPITULO IIIº

E porque algũas cantigas hy ha en que falam eles e elas outro-sy, poren he bem de entenderdes se som *d'Amor*, se *d'Amigo*; porque, sabede, que se eles falam na prima cobra (primeira copla) e elas na outra, a *Cantiga he d'Amor*, porque se move a rrazon d'ela, como vos ante dissemos; e se eles falam na primeira cobra, he outro sy *d'Amigo*; e se ambos falam en hũa cobra outro sy he segundo qual d'eles fala na cobra primeiro.

## CAPITULO Vº

*Cantigas d'escarneo* som aquelas que os trovadores fazem querendo dizer mal d'alguẽ, e eles dizem-lh'õ per palavras cubertas, que ajã dous entendymentos para lhe lo non entenderen *muy* ligeiramente; et estas palauras chamam os clerigos hequivocatio. E estas Cantigas se podẽ fazer outro sy de *meestria*, ou de *refran*. E per o que alguũs dizem que a hy alguũas Cantigas de *joguete certeyro*; estas nõ som mais tan de scarneo, nem han outro entendimento; pero er dizem que outras ha hy de risoelha. Estas ou seeram d'escarneo ou de maldizer et chamam-lhes assy por que ryẽ ende a vezes os homens, mays non som cousas en que sabedoria nem outro bem aja.

## CAPITULO VIº

Cantigas de maldizer são aquellas que fazem os Trovadores, *muy* descubertamente, et en elas entran palavras a quem queren dizer mal e nom auer outro entendimento senõn aquel que queren dizer chãmente, et outrosy os trovadores fazem dizer.

## CAPITULO VIIº

Outras cantigas fazem os Trovadores, que chamã *tenções*, porque son feytas per maneiras de rrazon que huũ aja contra outro en quaes diga que por ben tener na prima cobra et o outro responda-lhe na outra dizendo o contrayro. Estas se poden fazer *d'amor*

ou *d'amigo* ou *d'escarnho*, ou de *mal dizer*, pero que deven de seer de meo. E d'estas poden fazer quantas cobras quizeren, fazendo cada hũu a sua parte. Se hy houver d'aver fiida, fazem ambos senhas, ou duas duas, ca non convem de fazer cada hũu mays cobras nen mais fiidas que o outro.

### CAPITULO VIIIº

Outro sy outras Cantigas fazem os Trobadores, a que chaman de *Vilaãs*. Estas cantigas se poden fazer d'amor ou d'amigo sem mal algum, nem son per arrabis, porque as non estiman muito.

Como outras cantigas poden as fazer quãtos talhos quizeren.

### CAPITULO IXº

Outra maneira ha hy en que trobam dois homens et que chaman seguir, e chamam-lhe assy, porque conven de seguir cada hũu outra cantiga, a ssom, ou en prazer, ou en ledos. E este seguir se pôde fazer em tres maneiras: a hũa silaba et a ssom d'outra cantiga, et fazer-lhe outras palavras tam iguaes, com'ẽ as outras pera poder ẽ elas caber aquel som meesmos. E este segrer he de mayor sabedoria, porque toma cada uma das palavras da Cantiga que segue. Outra maneira hy ha de seguir, a que chamã palaura por palaura, e porque convẽ o que esta maneira queira seguir, que faça a cantiga nas rrimas da outra cantiga que segue et sejã yguaes e de tantas sillabas hũas com'ẽ as outras pera poderem caber en aquel ssom meesmos.

E outra manera hy ha de seguir, en que non segue as palauras. E este seguir se pôde fazer en as das outras rimas iguaes d'aquellas pera poderem caber no ssom. Mays outra d'aquela cantiga que seguẽ ou deven de tomar outra maneira, fazer en lhe dar aquel entendimento meesmo per outra manera et pera mayor sabedoria pode-lhe dar aquela refran meesmo en outro entendimento per aquelas palavras meesmas; assy he a melhor manera de seguir porque dá ao rrefrã outro entendimento per aquelas palauras meesmas et trazem de cobra a cantar daron con el.

*O QUARTO EN QUEN CONTEN SEIS CAPITUL OS.*

## CAPITULO PRIMO

Os talhos das cantigas que dam os trovadores et fazer eguaes et de quantas maneras quizeren et teveren por bem; pero os mays dos talhos en que fazem as cantigas de meestria sam estas: a cobra da sinquo palauras, pero quem a quizer fazer a tanto que igual et. . . . estas pôde meter en essa ouvindo ou alongand'assi hūas outras que sejã guisadas de tantas syllabas com'en quizer. Outras maneras qu'en taes outras cantigas a, et que estas palauras podem seguir de mais sillabas as de. . . . pero quanto devam seguir yguaes . . . . Mays en talho jámays da cobra quizerem fazer yguaes pero mais deven seer as da fyn todas com'en os de outras cantigas devẽ ser rimadas et yguaes porque d'outra guisa non poderian talhar no ssom que ben fosse. E os trovadores podem fazer as cantigas ou de quatro ou de seis ou de oyto ou de mays se quizeren. Mas estes ssom ós olhos meesmos melhores pera seer mays a resto et no fin enfadarẽ ende os homens. E estas cobras poderã fazer de quaes talhos quizerẽ como vos já direi por quantas quizeren. E as cobras devem de seer todas tres en uma rrima ou seend'en senhas, e se fazem de quatro ou de mays pode er seer en hūa rima.

## CAPITOLO IIº

Porquanto. . . . alguns trovadores pera mostraren melhor et meestria meterõ en ssas cantigas que fazeron hūua palaura que nõ rimasse cum as outras et chamam-lhe palauras perdudas. E esta palaura pode meter o trovador no começo ou no meyo ou na cima da cobra, en qual logar quizer, pero que se a meter en hūa cobra deve-a meter nas outras en cada hūa delas en aquel logar. E esta palaura deve de seer moor mester a ouvir, pode meter senhas palauras en cada cobra de senhas rrimas. E outrosy poden meter na cobra uma palaura perduda duas vezes per esta maneira.

## CAPITOLO IIIº

Outrosy fezeron os trovadores algumas cantigas a que chamaron atehudas; et estas poden seer tamben de meestria tan com'è de um refrã. E chamaron-lhe atehudas, porque conven que a pres-

tomeyra palaura da cobra non acabe en razon per fyn, mays ten a primeira palaura da outra palaura da outra cobra que ven apoz ela de entendimento et *será a teuda*. E toda a cantiga assy deve d'yr ata a fiidar, et aly deve de desnuitar assertar et concluir o entendimento todo do que ante non acabou nas cobras.

### CAP. IIIº

As fiindas son cousa que os trobadores sempre husaron de poer en acabamento das suas cantigas pera concludiren et acabaren melhor en elas as rrazones que disseron nas cantigas chamando-lhis fiida, porque quer tanto dizer como acabamento de rrazon. E esta fiida poden fazer de hũa ou de duas ou de tres ou de quatro palauras. E se for a cantiga de meestria deve a fiida rrimar com a prestumeyra cobra. E se for de rrefram deve de rrimar como rrefram. E como quér que diga que a cantiga deve d'aver hũa d'elas, e caes hy ouve que lhe fezeron duas outras segundo a vontade de cada hũu d'eles. E caes hy ouve que as fezeron sen fiindallas, pero a fiinda he mays comprimento.

### CAP. Vº

Outro sy vos queremos mostrar que quer seer dobre. *Dobre* é dizer hũa palavra a cada cobra duas vezes ou mays. Mays deven a meter na cantiga muy guardadamente. E convê como a meteren em hũa das cobras que assy o metam nas outras todas. E se aquel dobre que meteren a hũa meteren a outras, poden-o hyr meter en outras palauras perõ sempre n'aquel talho et d'aquela maneira que o meterem na primeira. E outrosy o deven de meter na fiida per aquela maneira.

### CAPITULO VIº

Mor doble é tanto com'è doble quanto he no entendimento das palauras; mays as palauras desnoytan-se porque mudan os tempos. E como vos já dixi dobre, outrosy o *mór dobre* en aquela guisa et per aquela maneira que o meteren en hũa cobra assy o deve en meter nas outras, et na fiinda pera seer mays comprimento.

*CAPITOLO QUINTO, CONTEN DOIS CAPITOLOS.*

## CAPITOLO PRIMO

Os tempos chamã os trovadores quando falan nas cantigas no tempo passado ou no presente en que estam, ou no que hade viir e a cada hũu d'estes tres tempos, ou os dous ou todos tres non poden escusar os Trovadores que non falen en eles na cantiga que fazem, ca se falar contra sy ou contra outrem convem de falar en algũu d'estes tempos. E poren se en algũu d'elles começou a cantiga nõ conven que depouys falen no outro en aquella rrazon, nen per aquel entendimento se non se falar per outra rrazon ou en outro entendimento, ca en outra guisa descordaria o entendimento da rrazon da cantiga; pero como vos já dixi, poden o meter no mor-doble, porque dam en el cada tempo seu entendimento.

## CAPITOLO IIº

E outrossy as cantigas com'eu disse fazeren em rimas longas ou breves ou em todas mesturadas. E pois esto conven de vos mostrarmos quaes sson as rrimas longas ou as breves, pero que todas non vos podemos mostrar compridamente, porque sson muytas et de muytas maneras; pero que todas as rrimas sse acaban en estas vogaes que sejam as prestumeyras, todas sson longas, conven a saber as que sse acaban no A ou no O. A. polo A. ou no O. polo O; ou qualquer das outras vogaes que ponhã en cabo da rrima pola prestomeyra sillaba. Ela per sy e as outras rrimas todas que se acaban en leteras breves, todas sson curtas porque convẽ que o Trovador que trobar quizer, se começa en longas ou per curtas syllabas que per elas acabe, pero que poderá meter na cobra das hũas et das outras se quizer a atanto que per qual guisa as meter en hũa cobra que per tal guisa as meta nas outras, pero convẽ que como as meter que assy as faça rrimar longas con longas et curtas...

## SEXTO CAPITULO,

### EN QUEN CONTEN TRES CAPITULOS:

#### CAPITULO Iº

Os *eccos*, son tantos et de tantas maneiras, que os homens poden fazer no trobar que non posso falar en todos tan compridamente, pero conven que uos traute ende algũus.

#### CAPITULO IIº

Ecco acharon os trobadores que era hũa palaura a que chamaron cacofeton (*cacophaton*) que se non deve meter na cantiga que he tanto como palaura fea et soam mal na boca, e algũas vezes tange en ela cacorria ou lixo, que non convem de seer metido en boa cantiga.....

#### CAPITULO IIIº

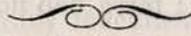
Outrosy ecco he meter a palaura vogal de pos vogal. Non entendades, que entendedes que se entende vogal de pos vogal sse aas vogaes sson de senhas naturas mays non sse deve meter duas vezes hũa apos outra, sse hũa vogal he mayor meter, sse dela duas vezes quiseren fazer sillaba, pero algũus as meten na cantiga dando AO. EO. et AO et duas consoanças a cada hũa d'estas vogaes. E assy poden meter cada hũa dela duas vezes et non vos posso esto mays declarar se non como en cada hũu filhar en sseu entendimento. As letras vogaes son estas en que escritas son, A. E. Y. O. V.

FINIS.

Peia interpretação

THEOPHILO BRAGA

# COLOMBO



Cortando o salso oceano, que se estende  
Em volta, sem limite, ao horisonte,  
Prosegue de Colombo a náo veleira  
Em frente sempre ; e emquanto a prôa fende  
As altas ondas, ergue o heroe a fronte  
Vendo brilhar a ideia feiticeira.

Não teme, não se verga ante os perigos,  
Ante o receio vão que os mais assalta ;  
Combate a covardia, dos que sonham  
Com os velhos casaes e louros trigos,  
Deitando ao mar a bussola que falta  
Fará aos que na patria a vista ponham.

Eil-o impavido vence quem vacilla,  
Roubando as esperanças do regresso  
A' marinagem tibia que murmura ;  
Toda a revolta audaz elle aniquila,  
E vendo o mundo idial ao longe impresso  
Com a quilha divide a vaga escura.

A ideia firme o arrasta, dando ao vento  
 As vélas já batidas da refrega,  
 Com mão robusta o leme governando,  
 E o olhar no céo distante sempre attento,  
 Em direcção incognita navega;  
 Sereno não fraqueja no commando.

Ávante, avante vae! O medo prostra  
 De todo os companheiros, que praguejam,  
 Que em altos brados gritam revoltosos:  
 «Atraz voltemos; terra não nos mostra  
 A tua furia insana!» Assim rouquejam  
 Uns, e outros têm os olhos lacrimosos.

Irritado Colombo se levanta  
 E olhando com desdem a marinagem:  
 «Covardes! — grita — o medo vos domina,  
 A morte por ventura vos espanta?  
 O que temeis, poltrões? falta a coragem  
 Para seguir na esteira peregrina?....»

«Á patria, á patria! bradam — triste morte  
 De certo nos espera se avançarmos!  
 Ao lar voltemos! Antes uma guerra  
 Que o deserto das aguas!....». D'esta sorte  
 Lhes diz Colombo: «Bem! Para tornarmos  
 Tres dias só vos peço.... e tereis terra!»

A custo ganha o praso que deseja  
 Sustendo os companheiros revoltados;  
 Só a fé o conduz, a crença viva  
 Na ideia, que no cerebro veceja,  
 De extensos continentes ignorados;  
 Agora curva a fronte pensativa;

Febril, inquieto, mudo, elle interroga  
Com a vista o horisonte, a linha escura,  
Onde as aguas e o céo se vêem unidos ;  
Em vão perscruta ao longe ! Emtanto voga  
E avança a não na liquida planura,  
Tres dias já vão quasi decorridos !....

Os murmúrios de novo recomeçam,  
Mas de subito surgem pela frente  
Signaes de terra proxima e de vida.  
«Terra, terra!» bradando, ali começam  
Os marujos os cantos loucamente !....  
.....  
Colombo sente a face humedecida.

TEIXEIRA BASTOS.

## BIBLIOGRAPHIA

---

Collaborando pela primeira vez n'esta revista, e n'esta secção, folgamos immenso por termos encontrado para assumpto da nossa analyse tres folhetos notaveis publicados ultimamente. Relaccionados com o nosso *movimento contemporaneo*, nas tres questões mais importantes da propaganda scientifica, do problema politico e do ensino publico, esses opusculos não podiam deixar de ficar registados nas paginas da *Era Nova*; principalmente quando, alem do grande merito e oportunidade que os distingue, são firmados por tres dedicados collaboradores d'esta revista.

### I

*A Ultima Reforma da Instrucção Secundaria — Reflexões criticas* por Julio de Mattos — Porto — Livraria Universal de Magalhães & Moniz — 1881.

Tem apenas vinte e quatro paginas; mas duas duzias de paginas substanciosas e bem pensadas d'onde se colhem muitas notas e se extrahem trechos importantes. É que o sr. Julio de Mattos tem um estylo admiravel de concisão, em que sabe condensar, agradavelmente, um grande numero de ideias. Despido completamente da velha rhetorica banal, grave, rigoroso, incisivo, e ao mesmo tempo correcto e elegante—o que nunca prejudica—a materia

succulenta que nos ministra é facilmente assimilavel, e pela grande accumulacão de observacões, bem colligidas, excita poderosamente a relaccionacão das nossas proprias ideias sobre o assumpto de que trata. N'este pequeno opusculo o sr. Julio de Mattos põe bem em relevo os preciosos predicados de seu estylo, e a justa reputacão, que hoje possui, de ser um dos nossos mais energicos e distinctos trabalhadores da escola positivista.

O sr. Julio de Mattos principia expondo o lastimoso estado do nosso ensino official:

«Entre nós todo o cidadão que deseja possuir um curso superior, um diploma scientifico, uma posicão litteraria, necessita de frequentar as escolas do governo, necessita de ouvir os professores officiaes, de acompanhar de um modo ininterrupto o seu ensino. Toda a doenca que o inibe de seguir o curso official durante um mez, representa para elle a perda de um exame e, o que mais é, de um anno de trabalho, de dispendio, de applicacão; toda a má vontade que o affasta de uma aula onde porventura a experiencia lhe diz que nada aprende, affasta-o igualmente dos exames, porque o estado exclue da admissão a estas provas todo aquelle que não figura na lista dos ouvintes permanentes dos professores officiaes; toda a manifestacão de desagrado dada n'uma aula publica, embora dictada por uma consciencia austera, significa a perda temporaria ou perpetua de todos os direitos escolares, porque está legislado o respeito aos mestres e a submissão passiva aos regulamentos; toda a tentativa de quebrar a corrente tradicional das doutrinas professadas nos cursos ou dos habitos mantidos por uma disciplina provectora e formalista, pôde igualmente annullar n'um momento toda uma somma de trabalhos scientificos e de esforços d'estudo, porque o voto dos juizes nas provas academicas não precisa de justificacão, pôde fazer-se na meia luz mysteriosa e traiçoeira do *escrutinio secreto*. O respeito que devêra ser um sentimento reflectido e consciente inspirado pelo talento e pela justiça, decreta-se em nome da disciplina; a sciencia, que é o effeito do estudo, mede-se pela regularidade da frequencia ás aulas; as manifestacões de applauso ou desagrado, que devêram respeitar-se como a traducçãõ livre da consciencia individual, suspendem-se em nome da *ordem*.»

Mais adiante avalia o que serão as relacões entre o discipulo e o mestre:

«O que ensina, uma vez reconhecida a impotencia de manter pela elevacão dos methodos que não possui, e pelo brilhantismo de conferencias que não sabe fazer, o respeito e a auctoridade moral sobre os discipulos que o avaliam e julgam pelo que vale, procura sustentar a disciplina pelas imposições de regulamentos

pombalinos, absolutamente irrationaes e essencialmente tyrannicos. D'aqui uma d'estas consequencias inilludiveis: ou o alumno se submete passivamente, criando dentro de si o incuravel aleijão moral da subserviencia, e é estimado, embora o seu valor scientifico seja nullo, ou reage por dignidade, e é mal visto, às vezes expulso, tenha elle embora aptidões sensivelmente superiores ás do pedagogo official.»

Esta critica é perfeitamente justa; o mal-estar social que sentimos em todas as manifestações da vida intellectual do paiz: no rebaixamento dos caracteres, na falta de senso commum e de senso moral, na politica atrophiadora do constitucionalismo, no desbragado nepotismo que se nota em todo o funcionalismo, na empenhomania que preside em todos os actos da nossa vida publica e particular, em tudo, se faz sentir a acção esterilizada da instrucção official. Os estudantes que obtem os primeiros premios, os *prodigios* da Universidade e de quasi todas as escolas do paiz, são quasi sempre os que mais profundamente immergem no sorvedouro corrupto da politica conservadora e os que mais provas dão da sua triste falta de equilibrio intellectual e moral e de aptidão para luctarem no *struggle forlife*, sugeitando-se com os diplomas mais pomposos a preencherem simples cargos de continuos e amanuenses de segunda ordem.

Quasi sempre os homens mais distinctos na litteratura, na arte, na politica e até mesmo na sciencia, são os que frequentaram incompletamente os cursos officiaes ou os que depois de concluirem as suas formaturas, passaram, como diz Theophilo Braga, uma esponja sobre o que o estado lhes ensinou e trataram de reconstruir o seu peculio intellectual.

De fôrma que a carta, o titulo de habilitação official, é simplesmente um titulo condecorativo que se guarda junto ás commendas, ás cartas de conselho e para nada servem na vida pratica, fóra da esphera da influencia governamental.

Quem quer saber alguma coisa, e ser util a si e á sociedade, com o desenvolvimento racional das suas aptidões, segue o conselho de Ramalho Ortigão: mette-se em casa, e em um anno de estudo aprende mais do que se ensina nos institutos publicos do paiz. Poupa-se tempo e —o que é mais— não se esterilisa o cerebro com a accumulacão de materiaes sedicões, que mais tarde se devem expellir como inuteis ou prejudiciaes. Quando chegados á virilidade, nos achamos ainda com um bocado de bom senso, um cerebro fertil e apto para entrar nas varias secções da lucta moderna, ao lançarmos a vista para a *via dolorosa* que a nossa pobre intelligencia atravessou, pasmamos semi-incredulos. Aos cinco annos a mãe, a ama, ou a criada principiam a *educar-nos* ensi-

nando-nos que não se deve entornar o azeite no chão por ser máo agouro, que o estrondo da trovoadá é o Pae do Céu a ralhar, que n'um bom pequeno a maxima immobilidade (para nós symptoma de doença ou imbecilidade) é prova do maximo bom senso e fina educação. Aos sete annos mettem-nos n'umas escolas, que

São açougues de innocencia  
São talhos d'anjos, mais nada.

Ahi um professor tetrico, atribiliario, que classificamos então entre os *Jelinos*, por meio do terror, das sovas, da decoraçãõ forçada, nos encaixa na cabeça a pasmosa civilidade do sr. João Felix, o portentoso cathecismo do sr. Padre Amado e a grammatica do sr. Figueiredo—uma coisa que qualquer creança de sete annos deve comprehender *admiravelmente!*

Mais tarde introduzem-nos mechanicamente na memoria algumas linguas; uns nomes de rios, de cabos e cidades a que chamam Geographia; umas anedoctas pezadas ácerca de incestos, roubos, parricidias, estupros ou assassinatos traçoeiros commettidos por alguns personagens celebres, ao que alcunham de Historia; fazem-nos conhecer *plenamente* a litteratura patria pela data do nascimento, dos amores, das aventuras e da morte dos nossos escriptores; ensinam-nos a discutir *racionalmente* a theodicéa e a provar a existencia de Deus aos 15 annos (!); e quando, finalmente, nos dão por promptos em Rhetorica, e que já sabemos ser, com a maxima precisão, completos e eloquentissimos oradores (!); então terminou a nossa instrucção secundaria e enviam-nos para Coimbra.

O que ali se passa não o conhece positivamente quem escreve estas linhas, porque teve a felicidade de nunca pôr os pés n'um instituto official, mas consta-lhe vagamente que se aprendem ali coisas extraordinarias ácerca das ideias innatas; dos eternos e immutaveis principios do Bem, do Justo, da Moral; dos preceitos rigorosos da rotaçãõ constitucional, e das provas espiritalistas fornecidas pela physiologia.

Obtemos, por fim, a carta e entramos na vida pratica; queremos applicar uma grande parte do que sabemos ás difficulades da lucta pela existencia e reconhecemos que de nada nos serve. Hesitamos; revemos os nossos tratados; adquirimos novos livros e deparamos então com ideias novas oppostas ás que possuímos e de que não tinhamos conhecimento. Declara-se então uma crise perigosa no espirito: a duvida de tudo e de todos. A maioria fraqueja e torna-se sceptica; os raros que escapam principiam a estudar—aos vinte e cinco ou trinta annos!

O orgulho com que estes ultimos se apresentem no conflicto da vida é legitimo: só um cerebro poderosamente organizado é que pôde resistir, intacto, a tanto trabalho perdido, a tantas impressões anômalas e esterilisoras, a tanta lucta e constantes decepções.

Todo o trabalho, pois, que se fizer para nos evitar a perda de tempo tão precioso e para nos tirar do estado lamentavel da nossa instrucção, é altamente digno e benemerito. E esses trabalhos não se medem pelo tamanho—as 24 paginas do sr. Julio de Mattos, pelo vigor e eloquencia da sua argumentação, pela critica rigorosa das suas observações, valem muito mais do que outros estudos volumosos que temos lido.

Não é preciso, nem disponho de espaço para acrescentar mais algumas reflexões que me suggeriu o trabalho do sr. Julio de Mattos. Pelos trechos que transcrevi o leitor poderá avaliar a utilidade e a oportunidade do seu substancioso folheto; pena é que s. ex.<sup>a</sup> não possa dispôr de tempo para desenvolver este seu estudo.

O livro em que o sr. Julio de Mattos criticando á luz da philosophia positiva o nosso actual systema de ensino, e as melhores organizações escolares do estrangeiro, nos apresentasse um plano de reforma rigorosamente deduzido, seria um bello livro e s. ex.<sup>a</sup> prestaria um grande serviço ao seu paiz por oondensar a materia incompleta e dispersa que existe sobre o assumpto.

O sr. Julio de Mattos tem authoridade e competencia para fazel-o.

## II

*Município e Federação, segundo Henriques Nogueira.*—Conferencia sobre a Questão Iberica, realisada no Club Henriques Nogueira, na noite de 24 de abril, por A. P. da Silva Lisboa.—Lisboa, Typ. Popular, 1881.

Silva Lisboa veiu confirmar com este folheto uma qualidade bem conhecida por todos os seus companheiros de lucta—a incansavel actividade com que propaga constantemente os principios do seu credo politico. Segundo a opinião de quasi todos os modernos pensadores, que estudam com proficiencia os problemas sociologicos, Silva Lisboa brilha entre essa pleiade energica de rapazes sinceros, dedicados, intransigentes, que se tem erguido nos ultimos annos, combatendo sem tregoa as velhas formulas conservadoras, e prégando o estabelecimento do federalismo na peninsula iberica, como a unica fórmula de governo que pôde garantir efficazmente a ordem, a liberdade e o bem-estar progressivo

dos povos que ella contém; e que pelas diversas tradições historicas, as multiplas differenciações ethnicas, que os dividem, não podem ser amalgamados n'uma indissolúvel unidade; e o unico meio tambem de Portugal poder conservar a sua independencia, livre das humilhações creadas pelo jugo traiçoeiro d'uma alliança leonina.

Plenamente dominado pelo seu ideal politico Silva Lisboa é um luctador de rija tempera. Exerce todas as armas de combate, e pela palavra, pelo jornal, pelo pamphleto, presta continuamente ao seu partido todas os serviços que pôde pôr em pratica uma grande actividade.

Independente pelo seu trabalho industrial — falta que a tantas caracteres honestos atribula e faz hesitar — está admiravelmente collocado no nosso meio indifferente ou corrupto para dizer a verdade, sem rebuço, nem tergiversações de qualquer especie. Usa admiravelmente d'essa independencia, e nem a indifferença criminosa, nem a calumnia vil ou o iusulto soez conseguem desvial-o do seu trabalho de incessante propaganda.

No folheto de que tratamos encontram-se bem patente estas qualidades. O estylo é por vezes apaixonado e virulento — tem as impetuosidades do tribuno indignado, d'um convicto proselytismo; outros é sereno e tranquillo analysando o plano municipal e federalista de Henriques Nogueira, expondo um facto historico ou uma conclusão scientifica. Ao lado da apostrophe violenta e do ataque rude da consciencia em revolta contra a temivel decomposição da sociedade portugueza, encontra-se a exposição moderada do homem que estuda apresentando os fructos do seu trabalho.

Quando appareceu o *Município e a Federação* achava-se bem accesa a questão iberica, e, apesar d'isso, os mais ferozes jornalistas que apontavam á vingança do paiz o *iberismo* dos federaes portuguezes, conservaram-se silenciosos perante este trabalho. É porque se encontravam aqui bem desenvolvidas as ideias de Henriques Nogueira e quem tem por systema discutir pessoas não discute ideias. A imprensa monarchica, com o seu silencio, declarou-se incompetente para julgar da justiça do trabalho federalista.

Este facto confirma completamente o que dissemos na apreciação do livro do sr. Julio de Mattos ácerca do rebaixamento dos caracteres pelos vicios da instrucção, e a que Silva Lisboa se refere tambem nes seguintes palavras com que abre a sua conferencia:

«Em quantol á fóra estrondeiam em doestos e retalições mais ou menos escandalosas as luctas em centessima edição dos corrilhos monarchicos; em quanto essa gente, para quem não ha se-

não o dia de hoje, e que nunca pensou achar na politica senão o meio de satisfazer uma ambição ou de saciar uma cobiça, disputa sobre o paiz exangue a cocanha do poder—premio ao mais vil—, cumpre-nos a nós, os republicanos—os sem juizo—, na phrase recente d'um d'esses quadrilheiros, fazer acto de patriotismo, pensando um pouco no que virá depois d'elles.

Cumpre-nos a nós, cumpre a todos os que não mergulharam ainda na lama d'esses enxurros, protestar contra essa vertigem em nome do futuro da patria, para que se não diga ao menos que tudo pereceu n'esta terra.

O silencio perante taes coisas e tal gente, seria uma verdadeira cumplicidade, e a cumplicidade, além de ser um crime, seria tambem n'este caso uma ignominia.

E é preciso fallar alto, para que, em meio do estridor das suas ridiculas pelejas, nos ouçam e saibam que estamos aqui, os nossos amos, criados d'el-rei: e tambem para que acorde e se levante o povo, se é que não está morto.

Que cada um cumpra o seu dever».

Este appello digno não encontra grande echo entre nós. A noção do dever em politica é completamente desconhecida e diz-se vulgarmente, como documento de supremo bom senso que—o homem serio e honesto não deve metter-se em politica!

As consequencias tristissimas d'este cretinismo quasi geral soffre-os o paiz vendo apparecer raramente na lucta politica a honestidade e comprehensão exacta do dever tão necessarias para a boa gerencia da fazenda publica e a completa satisfação das necessidades urgentes do paiz, como nação civilisada.

Da falta de probidade politica nasce tambem a inconsistencia de opiniões e a eepeculação torpe que Silva Lisboa combate nas seguintes palavras a respeito de Henriques Nogueira:

«Occupando-nos ainda d'esse prestante cidadão, cujo nome tomámos por divisa, temos em mente dois intuitos differentes, posto que correlativos: completar a exhumação do seu nome, tardia mas vingadora, e perfilhar, pôr em luz, lançar na tela da discussão, se tanto nos fôr possivel, as suas doutrinas nos pontos essenciaes em que elle projectava basear a reforma da sociedade portugueza—município no interior e federação no exterior.

Porque foi preciso—não o esqueças nunca e vae n'isso uma profunda lição—, foi preciso fazer uma verdadeira exhumação d'esse nome tão portuguez, d'essa gloria tão recente; foi mister desenterrar de sob um acervo de coisas sordidas essa memoria tão limpida e tão credora das nossas sympathias e dos nossos respeitos!

Não nos cançaremos de repetil-o, pese a quem pesar. Os que

em vida se diziam seus amigos, os que com elle sentiam e pensavam, os que participavam da sua fé viva e profunda, e partilhavam das suas nobres aspirações, e commungavam ou diziam commungar nas suas crenças, chegou um dia em que sentiram a necessidade de lançar sobre essa memoria tanto esquecimento quanto é preciso para affogar um remorso; de enterrar tão fundo esse nome, que nunca os vindouros podessem encontral-o, para pregar-lh'o na face como um stygma candente.»

Este trecho é seguido de eloquentes phrases condemnando o scepticismo e immoralidade dos velhos, e definindo a attitude que devem tomar os novos á vista da sua completa ruina moral. Referindo-se á igreja e á monarchia Silva Lisboa apresenta-nos os factos historicos que produziram a intima ligação, ferozmente conservadora, de ambos esses inimigos poderosos da nossa liberdade; conservantismo que é a pura negação de toda a sciencia de toda a moral e sem o mais leve traço de patriotismo.

Em seguida analysa as obras de Henriques Nogueira, os seus planos administrativos, o profundo estudo que fez dos municipios, e, comparando as ideias do illustre iniciador da federação em Portugal, com o estado actual dos estudos politicos, confirma plenamente a sua doutrina e tributa-lhe uma justa admiração pela excellencia dos seus planos. Só diverge n'um ponto:

«Porque Henriques Nogueira, espirito aliaz severo e positivo, não soube ou não ousou eximir-se a collocar junto ao paço do municipio... uma sé, e a mostrar-nos n'ella um bispo a officiar, e um sacerdote eloquente a recitar no pulpito a oração annual de acção de graças ao Todo Poderoso.

Devemos, porém, perdoar-lhe essa fraqueza, tanto mais que o seu trabalho não é precisamente o de um philosopho, mas simplesmente o de um patriota fervoroso, no sentido mais levantado da palavra. Orientado, *bom gré, mal gré*, no espiritualismo sentimental do seu tempo, não comprehendeu que a idéa religiosa deixou de ser perante a razão philosophica uma necessidade social; que não ha conveniencia alguma em intrometter o Absoluto na existencia das sociedades, em que tudo é, deve ser, relativo; e que nas fundações do futuro, a sciencia se resolveu emfim a tornejar essa muralha impenetravel, sphinge temerosa, contra a qual se debateu durante seculos em pugnas estereis, de que não houve tirar uma conclusão.»

Tendo explanado a parte principal do programma do partido republicano federal, conjunctamente com o estudo das obras de Henriques Nogueira, Silva Lisboa dá por finda a parte principal do seu trabalho e conclue o opusculo defendendo o ideal federalista dos ataques tortuosos do jornalismo monarchico. Os argu-

mentos capciosamente patriotas, que este adduziu, desfal-os sem difficuldade; e, appellando para a sinceridade e honestidade dos seus ouvintes e leitores, aponta-lhes o perigo de se prestarem ouvidos a esses argumentos balofos, nas seguintes polavras com que fecha o folheto:

«O inimigo é fertil em insidias e habil em ciladas; não deixará de provocar-nos conflictos, para lançar depois a responsabilidade á Republica. É uma velha e infame tactica.

Os horrendos morticínios, sem iguaes na historia, que ensanguentaram Paris na celebre Semana de Maio, foram praticados em nome da ordem; e no entanto é hoje mais do que averiguado que foram ordenados a sangue frio pelos monarchicos no intuito insensato de affogar em sangue a Republica.

Sejamos pois firmes, sem debilidades, mas sem imprudencias. Assim veremos n'um futuro proximo, e que ninguem já pode affastar, consumarem-se os destinos da monarchia, e sobre esta pobre terra, rejuvenescida pela Federação e refecundada pelo Municipio, despontar enfim o astro glorioso da Republica.

Para esse advento sagrado, cidadãos, o mais obscuro dos republicanos, aperta-vos a mão.»

Não podemos resistir ás repetidas transcrições. São necessarias para comprehender bem o espirito da obra analysada, e substituem, n'este caso, agradavelmente para o leitor, tudo o mais que poderiamos dizer em abono do livro.

Resumindo: o *Municipio e Federação* é apenas um folheto de 32 paginas; mas contém óptima doutrina republicana e vulgarisa os trabalhos do eminente federalista Henriques Nogueira. É alem d'isso um vigoroso opusculo de combate e, percorrendo-o, o leitor deve encontrar o mesmo prazer e tirar a mesma utilidade que nós obtivemos da sua leitura.

### III

Por falta de espaço, e para não alongar esta secção, só no proximo numero poderemos tratar do folheto *O homem e o Macaca* do distincto collaborador d'esta Revista o sr. Francisco de Arruda Furtado.

JOAQUIM DOS REIS.